

Revista  
Latino-americana de

# Geografia e Gênero

Volume 13, número 2 (2022)  
ISSN: 2177-2886

Artigo

## Vivências de Mulheres em Situação de Refúgio ou Imigração na Região do Vale do Sinos

*Experiencias de Mujeres en Situación de Refugio o  
Inmigración en la Región del Vale dos Sinos*

*Experiences of Refugee or Immigrant Women in the  
Vale dos Sinos Region*

**Andressa Wendling**  
Universidade Feevale – Brasil  
andressawendling@gmail.com

**Carmem Regina Giongo**  
Universidade Feevale – Brasil  
ca.aiesec@gmail.com

Como citar este artigo:  
WENDLING, Andressa, GIONGO, Carmem Regina.  
Vivências de Mulheres em Situação de Refúgio ou  
Imigração na Região do Vale do Sinos. **Revista  
Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 13, n.  
2, p. 80-99, 2022. ISSN 2177-2886.

Disponível em:  
<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

# Vivências de Mulheres em Situação de Refúgio ou Imigração na Região do Vale do Sinos

*Experiencias de Mujeres en Situación de Refugio o Inmigración en la Región del Vale dos Sinos*

*Experiences of Refugee or Immigrant Women in the Vale dos Sinos Region*

## Resumo

O objetivo desta pesquisa foi relatar as vivências e desafios enfrentados por mulheres em situação de refúgio ou imigração na região do Vale do Sinos, no Rio Grande do Sul. A pesquisa teve um delineamento exploratório-descritivo, de cunho qualitativo. Como instrumento, foi utilizada uma entrevista semiestruturada. Participaram do estudo 19 mulheres refugiadas e imigrantes, tendo sido os dados analisados através de análise temática. Dentre os desafios identificados pelas participantes, destacam-se a inserção no mercado de trabalho, as relações familiares em função da distância territorial e a inserção em uma nova cultura. As entrevistadas relataram encontrar dificuldades com o idioma, o que, por sua vez, traz prejuízos nas suas interações sociais. Conclui-se que a precarização da situação socioeconômica, neste caso, dificulta a integração social e o aprendizado do idioma.

Palavras-Chave: Mulheres; Refúgio; Imigração; Família; Trabalho.

## Resumen

El objetivo de esta investigación es relatar las experiencias y desafíos enfrentados por mujeres en situación de refugio o inmigración en la región de Vale do Sinos, en Rio Grande do Sul. La investigación tuvo un diseño exploratorio-descriptivo, de carácter cualitativo. Se utilizó la entrevista semiestructurada como instrumento de recolección de datos. Diecinueve mujeres refugiadas e inmigrantes participaron en el estudio, y las informaciones fueron analizadas por medio del análisis temático. Entre los desafíos identificados por los participantes se destacan la inserción en el mercado laboral, las relaciones familiares por la distancia territorial y la inserción en una nueva cultura. Las entrevistadas informaron haber encontrado dificultades con el idioma, lo que a su vez perjudica sus interacciones sociales. Se concluye que la precariedad de la situación socioeconómica, en este caso, dificulta la integración social y el aprendizaje del idioma.

Palabras-Clave: Mujeres; Refugio; Inmigración; Familia; Trabajo.

## Abstract

The objective of this research was to report the experiences and challenges faced by refugee or immigrant women in the Vale do Sinos region in the state of Rio Grande do Sul. This is a descriptive-exploratory and qualitative study developed with nineteen women. A semi-structured interview was used to collect data that was subjected to a thematic analysis. Among the challenges identified by the participants, the ones that stood out were insertion in the job market and family relationships due to the territorial distance and their insertion in a new culture. The interviewees reported difficulties with the language, which hampered their social interaction. We concluded that precariousness of the socioeconomic situation, in this case, makes their social integration and language learning more difficult.

Keywords: Women; Refuge; Immigration; Family; Work.

Andressa Wendling, Carmem Regina Giongo



## Introdução

O movimento de refúgio e imigração vem ocupando um importante espaço nas agendas políticas e humanitárias nas últimas décadas em diversos países, entre eles, o Brasil. Os temas relacionados a refugiados e imigrantes englobam uma série de fatores importantes. Para entender melhor essa crise migratória, faz-se necessário compreender quem são os refugiados e imigrantes. Para o Alto Comissariado das Nações Unidas (ACNUR), o refúgio ocorre quando uma pessoa deixa seu país forçadamente, por motivo de perseguição política, de raça, por questões religiosas, de nacionalidade ou participação em grupos sociais. Algumas pessoas chegam pela situação de imigração, buscando uma vida socioeconômica melhor, sendo ela temporária ou permanente. Geralmente, os imigrantes acabam saindo do seu país de origem por motivações econômicas ou sociais, que não implicam riscos as suas vidas.

Segundo o ACNUR, em 2018, a cada minuto, 25 pessoas eram forçadas a deixarem seus países de origem, somando um total de 70,8 milhões de descolamentos forçados apenas naquele ano. Estes dados bateram o recorde mundial. Em 2009, havia 43,3 milhões de refugiados no mundo. Deste total, 138.600 eram crianças desacompanhadas ou separadas de seus responsáveis (ACNUR, 2019a). Nesse contexto, conforme divulgado pela Organização das Nações Unidas (ONU), no ano de 2016, 49% dos refugiados no mundo eram mulheres (ACNUR, 2019a).

No que se refere ao Brasil, em 2018, foram registrados 1.086 pedidos de refúgio. Contando com essas solicitações, o país passou a ter 11.231 refugiados registrados (ACNUR, 2019b). Deste total, o CONARE (Comitê Nacional para Refugiados) divulgou, no último relatório de 2016, que 32% das solicitações de refúgio foram de mulheres (ACNUR, 2019a).

Nesse contexto, a ONU Brasil (ONU, 2019) recentemente divulgou um relatório que mostra que 71% das mulheres e meninas foram vítimas do tráfico no mundo todo, sendo que as crianças representam 30% desse total. Além disso, uma em cada cinco mulheres refugiadas é violentada sexualmente no mundo (ONU, 2019). Outro grande problema enfrentado pelas mulheres é a vulnerabilidade no país de refúgio, onde muitas acabam ficando sem documentação, o que facilita o processo de exploração do mercado de trabalho feminino. Muitas dessas mulheres chegam ao local de destino em busca de uma vida melhor para os seus familiares, mas acabam tendo que se submeter a condições precárias, tais como salários abaixo da média, exploração no mercado informal, entre outras dificuldades impostas pela necessidade de sobrevivência (BERTOLDO, 2017).

Outra questão relevante é o racismo enfrentado por homens e mulheres de pele negra em situação de migração, uma vez que muitos são tratados de forma diferente no que se refere à educação, moradia, saúde e trabalho. É possível perceber que os marcadores de gênero, classe e raça estão ligados às trajetórias e vivências dos migrantes (DORNELAS; RIBEIRO, 2018).

No processo de refúgio e imigração, as mulheres possuem uma maior propensão a desenvolverem Perturbação de Estresse Pós-traumático (PTSD), ansiedade e depressão do que os homens. Segundo Beverley Raphael, Mel Taylor e Virginia McAndrew (2008), as mulheres seriam mais vulneráveis a

exposições de conflitos do que os homens. Outro aspecto a ser considerado enquanto possível extressor é o fato de que muitas das mulheres acabam tendo que deixar os filhos, causando ainda mais sofrimento. Além disso, esta população pode apresentar dificuldade de acessar programas sociais, pelo fato de não terem conhecimento sobre eles ou pelo idioma, motivos pelos quais as mulheres, muitas vezes, não acessam esses espaços (RAPHAEL; TAYLOR; MCANDREW, 2008).

Outro estudo feito por Antunes (2017) mostra que refugiados e imigrantes não possuem acesso a psicólogos, o que se justifica pelo fato de a maioria não saber que tem o direito de ter acompanhamento psicológico. O idioma também figura como um dos grandes empecilhos para o acesso a serviços e políticas públicas. Ainda, observam-se informações preocupantes: em suma, os refugiados e imigrantes tendem a fazer uso de substâncias químicas e apresentar sintomas de depressão. A causa disso seria a experiência que viveram no país de origem e a ruptura de laços culturais e familiares quando chegam ao país de refúgio (ANTUNES, 2017).

A invisibilidade da mulher e a sua imagem atrelada a do homem encobrem questões de extrema importância. Enquanto as mulheres não forem colocadas nas suas totalidades e complexidades, no processo migratório, ainda haverá falhas em compreender e fornecer acesso aos seus direitos no país que as acolhe (DORNELAS; RIBEIRO, 2018).

Sabe-se que existe uma carência de pesquisas, dados e teorias que trabalhem com o tema da mulher em situação migratória. A ausência de visibilidade na questão desse processo de gênero na migração tem impedido avanços na parte de construção de políticas públicas e uma legislação inclusiva para elas (DORNELAS; RIBEIRO, 2018).

Diante disso, este estudo buscou analisar as vivências e os significados de ser mulher em situação de refúgio ou imigração, na região do Vale do Rio dos Sinos. Os objetivos específicos deste estudo foram: relatar as vivências de mulheres em situação de refúgio ou imigração no mercado de trabalho; compreender as relações familiares de mulheres em situação de refúgio ou imigração; e investigar as maiores dificuldades encontradas pelas mulheres em situação de refúgio ou imigração no processo de integração social. Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para a visibilidade destas mulheres, fornecendo subsídios para a compreensão dos maiores desafios encontrados e apontando ações que possam contribuir para a melhoria da qualidade de vida das refugiadas ou imigrantes.

### **Método**

Este estudo possui um delineamento exploratório-descritivo de abordagem qualitativa. A pesquisa descritiva tem o objetivo de registrar e descrever os fatores observados, permitindo ao pesquisador uma compreensão mais ampla dos cenários encontrados (MINAYO, 1993).

Como instrumento de pesquisa, foi utilizada a entrevista semiestruturada com 52 perguntas, cujos temas foram relacionados à saúde, relações familiares, questões voltadas ao vínculo trabalhista, serviços públicos acessados, entre outros aspectos. Nesse processo, utilizou-se um questionário pré-definido,

sendo adaptável, de acordo com os rumos do diálogo entre o entrevistador e o entrevistado. A entrevista semiestruturada oferece muitos dados importantes, gerando informações qualitativas e quantitativas (ZIMERMANN, 1999). Em sua aplicação, não é necessário seguir a ordem estabelecida inicialmente. O entrevistador deve ter a clareza dos seus objetivos com a entrevista, tendo em vista que tipo de informação é preciso, e de como será obtida essa informação (CUNHA, 2007).

Esta pesquisa contou com a participação de 19 mulheres em situação de refúgio ou de imigração na região do Vale do Rio dos Sinos. A maioria das participantes estava em situação de imigração (18) e uma estava em situação de refúgio. A idade média das participantes era de 31,3 anos, sendo que uma era natural da Palestina; uma, da Argentina; duas, da Colômbia; e 15, do Haiti. Dentre as mulheres, dez eram casadas e haviam conhecido seus companheiros nos países de origem, as outras nove eram solteiras. Quanto ao nível de escolaridade das entrevistadas, uma possuía ensino superior completo, três possuíam ensino fundamental incompleto, seis possuíam ensino superior incompleto e nove haviam completado o ensino médio.

A média de tempo residindo no Brasil era de 3,4 anos. Cabe ressaltar que mais da metade das entrevistadas possuía fluência no idioma português. Os critérios de inclusão para a pesquisa foram: mulheres, maiores de 18 anos, em situação de migração ou refúgio e residentes na região do Vale do Rio dos Sinos. Os critérios de exclusão foram: mulheres menores de 18 anos, que não compreendiam o português, homens, e pessoas que não tiveram o interesse em conceder a entrevista.

Para a seleção das entrevistadas, adotou-se a estratégia de snowball ou “bola de neve”, que consiste em estabelecer os primeiros contatos com os sujeitos de pesquisa, pedindo-lhes que indiquem conhecidos, semelhantes, que também se qualifiquem nos critérios de inclusão definidos pelo pesquisador. Sucessivamente, a cada novo entrevistado, pede-se que este também sugira um participante (BALDIN; MUNHOZ, 2011). Nesta pesquisa, o contato com as entrevistadas foi mediado pelo aplicativo WhatsApp e contou com o apoio de diversas pessoas que intermediaram as indicações e auxiliaram na apresentação da entrevistadora, afinal, muitas mulheres tinham receio de participar do estudo.

As entrevistas ocorreram em cinco cidades da região do Vale do Sinos, no estado do Rio Grande do Sul, e incluíram as cidades de Ivoti (1), Estância Velha (1), Lindolfo Collor (1), Campo Bom (2) e Novo Hamburgo (14). As entrevistas tiveram duração média de uma hora, sendo que 17 conversas foram feitas nas casas das próprias entrevistadas e as outras duas foram feitas em igrejas, das quais as entrevistadas faziam parte.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Feevale (parecer 132013/2016). As participantes foram informadas a respeito dos objetivos deste estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concordando com a divulgação pública destes dados. Cabe destacar que este estudo seguiu as diretrizes da resolução n. 510, de 07 de abril de 2016 (BRASIL, 2016). Além disso, visando manter a ética e o sigilo sobre as entrevistadas, os nomes citados neste artigo são fictícios, homenageando mulheres que foram referência da luta feminista no Brasil e no mundo.

Primou-se pelo respeito em compreender o espaço de cada entrevistada, possibilitando que respondessem o que desejassem e, igualmente, respeitando os seus contextos. Também foram fornecidos contatos da entrevistadora caso as participantes tivessem alguma dúvida sobre a pesquisa. Finalizada a análise dos dados, todas as participantes receberão uma devolução dos resultados.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. A análise dos dados foi realizada a partir da técnica de análise temática. Minayo (1993) propõe os seguintes passos para a operacionalização da análise: a) ordenação de dados: que implica em um mapeamento de todos os dados colhidos em campo. Nesse item, incluem-se as transcrições gravações, os relatos, dados colhidos e releitura do material; b) classificação dos dados: esta etapa é construída a partir da base de fundamentação teórica e levantam-se interrogações sobre os dados colhidos para compreender o que será relevante. Com base nisso, elaboram-se categorias específicas, determinando o conjunto ou os conjuntos das informações coletadas; e c) análise final: nesse processo final, as informações coletadas são articuladas com os referenciais teóricos da pesquisa (MINAYO, 1993).

A partir desse processo, foram delimitadas seis categorias, sendo elas: a) mulheres estrangeiras no mercado de trabalho brasileiro; b) a violência enfrentada pelas mulheres estrangeiras no Brasil; c) a importância de serviços públicos e políticas públicas; d) relações familiares no país de origem; e) os desafios da integração social; e f) as diferenças de ser mulher no Brasil e ser estrangeira.

### **Análise e discussão dos resultados**

#### **Mulheres estrangeiras no mercado de trabalho brasileiro**

No que se refere às relações e ao mercado de trabalho, pode-se perceber que todas as mulheres entrevistadas relataram que vieram para o Brasil à procura de um emprego para elas ou para os seus companheiros. Das 19 entrevistadas, 14 estavam empregadas no período da coleta de dados. Acerca dos questionamentos sobre suas expectativas antes de chegarem ao Brasil, mais da metade relatou que tinha amigos ou algum conhecido que estava morando no Brasil e que o país possui maiores oportunidades de trabalho, oferecendo emprego tanto para os homens quanto para as mulheres. Dessa forma, nota-se que elas tinham uma expectativa de uma vida financeiramente melhor, como pode ser percebido no relato: *“Eu pensei (risos) eu pensei Brasil é um lugar muito bonito, muito dinheiro, quando eu chegar aqui eu vai ficar feliz, capaz, quando eu cheguei não era assim, é complicado, é complicado”* (MARIELLE, 24/08/2019).

Em 2018, o Conselho Nacional de Imigração (CNIG) divulgou um relatório no qual consta um aumento no número de mulheres refugiadas ou imigrantes no mercado de trabalho brasileiro formal. O que corrobora os dados levantados nesta pesquisa, que indicaram que mais que metade das entrevistadas estava no mercado de trabalho formal.

No entanto, muitas delas relataram que, ao chegarem ao Brasil, perceberam que o país não era tão promissor economicamente quanto imaginavam. Em

média, as mulheres entrevistadas ficaram um ano desempregadas e esse período fora do mercado de trabalho teria sido consequência das dificuldades com o idioma, uma vez que nenhuma delas, ao chegar ao Brasil, sabia falar português. Quando foram questionadas sobre o que faziam antes de chegar ao Brasil, mais da metade relatou que apenas estudava no seu país de origem, como relata uma das entrevistadas: *“Só estudava (risos), cheguei ao Brasil, aprendi a trabalhar no Brasil, porque no Haiti não aprendi nada, cheguei com 19 anos aqui”* (MARIELLE, 24/08/2019). Outras mulheres refugiadas relataram que trabalhavam em seus países de origem como vendedora de roupas, professora ou no setor hoteleiro.

Foi possível identificar que a falta de conhecimento do idioma é um dos fatores que pode prejudicar a entrada das mulheres no mercado de trabalho, algo que foi relatado por elas. Segundo um estudo feito por Patrícia Sá e Filipe Silva (2016), o português básico seria o essencial exigido pelo mercado de trabalho brasileiro, pois mesmo conhecendo a língua, existe uma dificuldade de ingresso profissional para estrangeiros. Pode-se afirmar que a maioria dos imigrantes que chegam ao Brasil vem em busca de uma colocação no mercado de trabalho, mas nem sempre é tão fácil como se esperava (SÁ; SILVA, 2016).

Quanto à carga de trabalho exercida pelas participantes desta pesquisa no Brasil, apurou-se que elas atuam em média oito horas diárias, com intervalo de uma hora para o almoço. Além disso, todas as entrevistadas que estavam trabalhando possuíam vínculo empregatício formal. Cabe destacar a importância deste dado na medida em que muitos estudos apontam para a precarização do trabalho realizado por mulheres em situação de migração ou refúgio. Segundo dados divulgados pelo Tribunal Superior do Trabalho TST (MJSP, 2019), o trabalho formal para estrangeiros é equivalente aos direitos dados aos brasileiros. Os direitos dados a qualquer funcionário que tenha a carteira assinada são: 13º salário, férias, FGTS, seguro desemprego e carga horária de 44 horas semanais (MJSP, 2019), itens que compõem o conjunto de direitos civis básicos.

Ao serem questionadas sobre as relações com os colegas de trabalho, a maioria relatou que eram positivas. Algumas mencionaram que recebiam ajuda dos colegas brasileiros quando havia alguma dúvida sobre o idioma, como relata uma das entrevistadas: *“Pra mim tudo bom, porque eu vim aqui não falava brasileiro, eles ajuda eu fala”* (HELEN, 11/08/2019). Também mencionaram que os colegas de trabalho, muitas vezes, intermediavam as conversas entre elas e os seus gestores, auxiliando na tradução do português. Entretanto, algumas participantes relataram já terem sido vítima de preconceito por serem estrangeiras. Segundo elas, por serem as únicas estrangeiras no local de trabalho, existe um grupo pequeno de colegas que acaba direcionando olhares e demonstrando desprazer com as suas presenças. Uma das entrevistadas comenta: *“[...] Sabe que tá difícil a pessoa aceita quando tu é estrangeiro, há cultura diferente [...]”* (EVA, 23/08/2019).

Além de enfrentarem grandes desafios até chegarem ao Brasil, os imigrantes e refugiados acabam passando por desafios diários dentro do mercado de trabalho. Uma pesquisa feita por Vogly Pongon (2016) ressalta que muitos deles acabam sendo vítimas dos próprios colegas. Pode-se levar em consideração a cor da pele e as questões culturais, pelas quais muitos

estrangeiros acabam sendo vítimas de piadas e olhares preconceituosos. Na coleta feita com as mulheres, também foi relatada a violência enfrentada por elas dentro do local de trabalho, corroborando os dados levantados pela pesquisa, como por exemplo: “[...] *tipo a cultura tá diferente, as pessoas não aceita, tipo não gosta muito do teu jeito, aqui eles não gosta do nosso jeito [...]*” (EVA, 23/08/2019).

Ao serem questionadas sobre planos para o futuro, todas relataram que gostariam de estar trabalhando no Brasil. Chama atenção que três das entrevistadas afirmaram ter interesse em abrir seus próprios negócios no país, como relata um das entrevistadas: “*Eu quero estudar de novo, já estou fazendo cursinho aqui, quero fazer uma carreira aqui, quero ter meu próprio trabalho [...]*” (MARIA, 17/05/2019).

Nos relatos das entrevistadas, foi possível perceber que todas vieram à procura de uma qualidade de vida melhor para elas e para suas famílias. Muitas delas não quiseram compartilhar mais detalhes sobre o emprego e/ou sobre as relações de trabalho. Diante disso, é possível que haja um receio de que relatar o assunto ou realizar reclamações relacionadas ao trabalho possa prejudicá-las. Além disso, algumas mulheres sinalizaram que o valor do salário que recebem é baixo, se comparado com o restante dos gastos fixos que elas possuem.

Apesar de muitas terem encontrado um país diferente do que imaginavam antes de chegar ao Brasil, um estudo feito com imigrantes e refugiados trouxe que eles também possuem o desejo de permanecer no Brasil e construir um futuro melhor, assim como as mulheres entrevistadas destacaram. Ainda segundo a pesquisa, 96% dessas pessoas declararam ter o desejo de obter a nacionalidade brasileira. A maioria dos entrevistados na ocasião também destacou o desejo de trazer uma parte da família e construir um futuro melhor (ACNUR, 2019c), corroborando com os dados levantados junto às mulheres entrevistadas neste estudo.

### **A violência enfrentada pelas mulheres estrangeiras no Brasil**

Ao serem questionadas sobre terem passado por algum tipo de violência no Brasil, cinco mulheres relataram que haviam sido vítimas de violência. Uma das entrevistadas estava realizando acompanhamento psicológico por conta de um episódio de preconceito vivido por ela. Outras duas entrevistas também relataram terem sido vítimas de preconceito por conta de sua nacionalidade, sendo que uma delas detalhou o episódio sofrido:

*[...] Fui comprar uma coisa e fui no lugar pra pagar e ele ficou com uma caixinha me bate com a caixinha, e falava pra mim: ‘como tu é uma coisa feia, porque tu não fica no teu país’. Ele fala isso ele acha que eu não entendi, e me bateu com uma caixinha [...]* (MALALA, 25/08/2019).

Além da violência vivida por essa entrevistada, outra participante relatou sentir preconceito com relação à sua origem: “[...] *Eu vou sair de casa para outra casa, daí eu fui numa casa que tem alugar escrito, daí eles não querem aluga casa para haitiano [...]*” (CATARINA, 18/08/2019). As outras duas



mulheres foram vítimas de assaltos, logo que chegaram ao Brasil. Segundo elas, foi algo muito marcante em suas vidas: *“A gente foi morar em casa e lá entraram dois homens com armas e nós roubamos, nos assaltaram, Meu Deus”* (MICHELI, 19/06/2019). Ambas foram assaltadas dentro de casa com a família toda e, depois do ocorrido, resolverem mudar de cidade. As demais relataram nunca terem passado por nenhum tipo de violência.

Um estudo feito recentemente pelo ACNUR (2019c) com imigrantes e refugiados de todo Brasil mostrou que 41% dos participantes admitiram ter sido vítima de discriminação, corroborando com os dados coletados na entrevista com as mulheres. Além disso, 73,5% relataram ter sido vítimas de discriminação por ser estrangeiros, o que também vai ao encontro dos dados levantados neste estudo.

Cabe ressaltar que, a todas as participantes foi explicado o que significava a palavra violência, mesmo assim afirmaram não terem sido vítima de nenhum tipo de violência. Foi possível perceber que elas não tinham o conhecimento por completo do significado da palavra. Existem várias pesquisas que também trazem a mesma percepção acerca das entrevistadas. Uma delas foi feita em 2017 por Silva e Fernandes (2017), evidenciando também que os imigrantes e refugiados não conseguiam compreender o que de fato a palavra violência significava – muitos deles também a entendiam apenas como agressão física. Nos relatos dos entrevistados do referido estudo, surgiram situações vinculadas ao racismo ou à xenofobia, tipo de violência não percebida por eles como tal, o que coaduna com os dados levantados no presente estudo, com as mulheres.

O refúgio e a imigração enfrentam grandes desafios quando se fala em gênero e igualdade, infelizmente, as mulheres são as maiores vítimas desse processo. O mercado de trabalho ainda oferece trabalhos mais “precários” para a categoria feminina, elas também acabam sendo alvo fácil de violência pelo fato da raça e da cultura. O que se soma ao fato de hoje não existirem leis que sejam específicas para as mulheres, fato que acaba gerando grandes danos às que estão em situação de refúgio ou de imigração (MORALES, 2007).

### **A importância de serviços públicos e políticas públicas**

Quanto às questões relacionadas aos serviços e políticas públicas, as participantes relataram terem sido muito bem atendidas nos postos de saúde, por mais que elas tivessem algumas dificuldades no momento de se comunicar devido à falta de domínio do idioma. Uma das entrevistadas trouxe que os médicos estavam utilizando aplicativos nos celulares para traduzir o atendimento. Apesar disso, algumas entrevistadas se queixaram sobre a demora nos postos de saúde, conforme demonstra o trecho da entrevista: *“La no posto demora muito muito, muito complicado pega ficha, dai faz agenda, dai se a gente ta doente não tem consulta é muito muito ruim”* (DAIANE, 04/08/2019). Além disso, todas as entrevistadas tinham cadastro no Sistema Único de Saúde (SUS) e apenas uma utilizou atendimento particular.

Pode-se perceber que, no que se refere à utilização do SUS, todas sabiam sobre o seu direito de usá-lo. Observa-se que, em uma entrevista feita pelo ACNUR (2019c) com um grupo de refugiados e imigrantes, estes também faziam apenas a utilização do SUS em caso de saúde, assim como as mulheres



entrevistadas nesta pesquisa, demonstrando que há um saber referente aos usos de serviços públicos no Brasil. Ainda na pesquisa feita pela ACNUR (2019c), mostrou-se que os refugiados e imigrantes sabiam dos seus direitos quanto ao uso de sistema público de saúde, assim como as mulheres que foram entrevistadas, todas elas sabiam sobre o funcionamento dos postos de saúde dos seus bairros.

Ao serem questionadas sobre as políticas públicas no Brasil, mais da metade ressaltou que não tinha nada a dizer. Aquelas que trouxeram relatos mencionaram questões mais específicas direcionadas as suas cidades, como a necessidade de um local fechado para que elas possam realizar suas vendas em dias de chuva ou a questão de auxílio moradia para quem estava chegando.

O Brasil possui várias leis voltadas para a segurança dos direitos fundamentais para refugiados e imigrantes, tais como direito à documentação, acesso à saúde e outros mais. Porém, acaba sendo escasso o investimento em relação às políticas públicas e de assistência, principalmente quando se fala em gênero. Infelizmente, hoje, não há nenhuma política voltada às mulheres imigrantes ou refugiadas. Igor Cunha (2017) traz em seus estudos a escassez de políticas voltadas às mulheres refugiadas e imigrantes no Brasil. Para Cunha (2017), a crise atual é relacionada ao estigma de dois grandes problemas para as políticas e a sociedade, sendo elas referentes à condição de “migrante” e à “proteção às mulheres”.

Redefinir esses dois temas é reconhecer a importância que deve ser atribuída à proteção dos direitos de vida entre homens e mulheres, combatendo a violência e a discriminação de gênero, que é enfrentada diariamente por meninas e adultas imigrantes no mundo todo. Outro estudo também faz uma crítica voltada às políticas públicas. Segundo as autoras Marli Costa e Simone Schwinn (2017), por mais que existam políticas voltadas aos refugiados e imigrantes no Brasil, a mesmas não são flexíveis para que possam contemplar as mulheres.

### **Relações familiares no país de origem**

Ao serem questionadas sobre as relações familiares, todas relataram o sentimento de saudades. Diante disso, foi possível perceber que, quando falam sobre a família que havia ficado no país de origem, elas demonstram tristeza. Em algumas entrevistadas, foi possível observar que os olhos se encheram de lágrimas e todas relataram o sentimento de dor por precisarem abandonar a família. Cabe destacar que algumas das entrevistadas tiveram que deixar os filhos também. Houve relatos de grande sofrimento no início da estadia no Brasil, devido à distância da família. Muitas entrevistadas contaram que não conseguiam se alimentar e que passavam boa parte do tempo chorando. Alguns relatos exemplificam essas vivências: *“Eu fica pensando na familia, porque eu vim sozinha, deixa filha no Haiti, deixa tudo lá, eu chora muito muito, não que comer, eu chorar três meses, só fica em casa e não busca trabalho”* (ANITA, 24/08/2019).

Outra entrevistada também trouxe o sofrimento dela em razão da distância da família: *“Eu estou aceitando, estou tentando aceitar. É muito difícil querer voltar a sua terra e não conseguir [...]”* (MARY, 24/08/2019). Uma delas

ressaltou o sofrimento da sua mãe. Ela também comentou sobre a vontade de ir visitar a família no Haiti, mas que, infelizmente, por condições financeiras, não tem como pagar uma passagem aérea: “[...] *Eu trabalho ganho e mando pra minha mãe e pro meu pai dinheiro, daí fico melhor um pouco, Haiti tá muito complicado. Eu fico triste todo minha família lá, eu fico chorar, tem saudade de mim, agora tem três anos e eu ligo pra minha mãe e ela chora, quando eu quero vou pra lá [...]*” (MARIELLE, 24/08/2019).

Um estudo feito por Laurence Kirmayer *et al.* (2011) abordou o processo de refúgio e de imigração dividido em três fases. A primeira fase seria o pré-processo de refúgio e de imigração, quando o sujeito inicia o preparo para a saída do país. A segunda fase ocorre quando o sujeito de fato deixa o país de origem e chega ao de refúgio. A última fase seria a mais influente na saúde mental do sujeito, pois seria o momento pós chegada ao país de refúgio. No momento de chegada é que o sujeito percebe a perda da família, perda da rede de amigos, percebe a mudança de cultura e as dificuldades com o idioma, gerando grandes sofrimentos psicológicos. Ainda segundo os autores, a terceira fase seria a mais delicada e sofrida aos refugiados e imigrantes. Este estudo feito por Kirmayer *et al.* (2011) corrobora os retratos trazidos pelas entrevistadas nesta pesquisa, no que tange ao sofrimento pós chegada ao Brasil.

Sobre como as entrevistadas amenizam a saudade de quem ficou no país de origem, todas relatavam que conversam todos os dias por vídeo chamada no *WhatsApp*: “[...] *Mas a tecnologia ajuda muito, porque converso todos os dias com a minha família, com as minhas irmãs. Não é a mesma coisa que vê-los pessoalmente, mas ajuda muito [...]*” (MARY, 24/08/2019). Apesar da distância, é possível notar que todas mantêm um contato frequente com a família em tempo real. Neste sentido, as redes sociais vêm ajudando claramente os imigrantes e refugiados a manterem seus laços familiares com quem está no país de origem, sendo possível obter informações de seu antigo país. Um estudo recente apontou que mais da metade dos entrevistados revelaram que utilizam as redes sociais para amenizar a saudades e saber das notícias da sua nação (ACNUR, 2019c).

Muitas das mulheres entrevistadas ao longo da pesquisa deste artigo descreveram a falta de escolhas, e a necessidade de abandonar a família em busca de uma vida melhor no Brasil. Elas ainda relataram que enviam um valor todos os meses para auxiliar os familiares que ficaram no país. Esses dados acompanham o estudo realizado pela ACNUR (2019c) com um grupo de imigrantes e refugiados. A pesquisa mostrou que o grande objetivo de vida deles era dar uma vida melhor a quem ficou no país de origem. Por isso, a maioria apresenta vulnerabilidade econômica, pois renunciam a muitas demandas pessoais para conseguir enviar dinheiro aos seus familiares. Pode-se dizer que um dos grandes desafios enfrentados por eles seria a sobrevivência dos que não migram, e que acabam necessitando desse auxílio que lhes é enviado. A pesquisa revelou que algumas imigrantes chegam a enviar até R\$ 1.000,00 por mês aos seus familiares (ACNUR, 2019c).

Dentre as mulheres entrevistadas, quatro haviam tido filhos no Brasil e a família conhecia as crianças apenas por fotos ou vídeo chamada. Elas relataram o desejo de que seus familiares pudessem conhecer pessoalmente

seus filhos que nasceram no Brasil, como explica uma das integrantes da pesquisa: *“Eu quero volta lá pra eles [família] conhece meu filho, mas quero volta pra cá”* (ROSA, 06/08/2019).

Foi possível perceber claramente o sofrimento de cada uma das entrevistadas, tanto em suas falas como em suas faces, quando eram questionadas sobre a família. As mulheres que precisaram deixar seus filhos mostravam o sofrimento e o desejo de reencontrá-los. Todas ressaltaram o quanto foi difícil o início dessa mudança de país. Essas mulheres deixaram tudo para trás e embarcaram para um lugar de cultura diferente e sem suas famílias, levando-as a um sofrimento intenso.

Um trabalho feito com refugiados e imigrantes pelo Serviço de Atendimento Psicológico Especializado aos Imigrantes e Refugiados (SAPSIR) da Universidade Laval, no Canadá, evidenciou que, em suma, a maioria dos refugiados e imigrantes atendidos estavam em um processo de sofrimento psicológico decorrente do processo migratório, relacionados à perda da referência da cultura e da identidade, à distância da família e amigos, gerando um processo de luto – alguns apresentaram sinais de uma depressão (Lucienne BORGES; Jean-bernard POCREAU, 2012). Tal estudo mostrou o que acabou ocorrendo com todas as mulheres entrevistadas para a composição deste artigo, que passaram, e ainda estão passando, por sofrimento em razão da distância da família e mudança de país.

### **Os desafios da integração social**

Quando questionadas sobre o processo de integração social com a comunidade onde estão inseridas, todas relataram que o idioma era o maior empecilho. Elas mencionaram ter vergonha de tentar falar o português com os brasileiros, pois temem ser alvo de deboche. Uma das entrevistadas relatou sentir vergonha até de conversar com brasileiros via telefone:

*A insegurança para ligar por telefone ainda, por exemplo se eu tenho que fazer uma consulta para um oftalmo, eu preciso ligar na multiclínica onde nós temos o convênio, “oi, como, tu fala o que” daí eu fico insegura se eu consigo expressar o que eu quero, muito medo ainda é de ligar* (MARIA, 17/05/2019).

Algumas das mulheres trouxeram que encontraram dificuldades ou passaram por dificuldades para conseguir uma vaga de emprego porque não sabiam o português. Uma das entrevistas falou que necessitou de ajuda: *“[...] Do trabalho, preciso de gente para te ajudar a falar lá no trabalho, porque precisa alguém i junto para eles entender, é ruim”* (JOANA, 11/08/2019).

Um estudo feito por Sá e Silva (2016) mostrou que o idioma é um grande desafio enfrentado por imigrantes e refugiados, quando chegam ao Brasil e que, devido a essa dificuldade, acabam se isolando socialmente e encontrando dificuldades de inserção no mercado de trabalho. Com isso, muitos acabam mantendo um núcleo com eles mesmos, dificultando a interação social com o resto da comunidade na qual estão inseridos. Algo que também pode ser percebido nas falas das entrevistadas, quando questionadas sobre as interações,

a grande maioria destaca que não realizavam nada nas horas de lazer e que seus grupos de convívio eram apenas o núcleo de pessoas que vieram dos seus países.

Todas as entrevistadas falaram sobre o desejo de aprender e/ou melhorar as suas capacidades de expressão em língua portuguesa. Muitas comentaram que utilizam o *YouTube* como ferramenta para o aprendizado do idioma. Outras usam aplicativos de tradução, mas todas demonstraram, através do relato, que no início foi muito difícil. Uma das entrevistadas conta: “*Primeiro muito difícil, se uma pessoa diz bom dia, Jesus (risos), o que significa isso [...]*” (ÂNGELA, 11/08/2019). Ao serem questionadas como estava o português delas no momento, todas as entrevistadas disseram estar mais fácil de aprender e de falar, apesar de sentirem vergonha de comunicar-se oralmente.

Existem projetos em vários estados do Brasil que auxiliam os imigrantes e refugiados que chegam e necessitam de ajuda com o idioma. São ofertadas aulas de português gratuitamente para auxiliar os estrangeiros no desenvolvimento do idioma novo. Também há cidades que estão com projetos em que funcionários públicos recebem capacitações para conseguir atender melhor a esses públicos (SILVA; FERNANDES, 2017). Apesar disso, sabe-se que não existem ações governamentais que auxiliam os refugiados e imigrantes nesse processo, mas existem ações voluntárias ou de igrejas e Organizações Não Governamentais (ONGs), que os auxiliam no processo de aprendizagem. No caso das entrevistadas desta pesquisa, elas acabaram aprendendo o português sozinhas.

Ao serem questionadas sobre o que faziam nas horas livres, apenas quatro relataram que gostavam de sair e conhecer locais e culturas novas. Pode-se perceber que estas eram as entrevistadas que tinham melhor domínio do português e estavam mais tranquilas durante a entrevista. As demais (15 mulheres) relataram que apenas ficavam em casa nas horas livres fazendo atividades domésticas e que não gostavam de sair, pois deveriam guardar dinheiro para enviar aos familiares que estavam no Haiti. Uma das entrevistadas comenta: “*Se eu tenho mais dinheiro eu fazer transferência pro Haiti*” (ROSA, 06/08/2019).

Assim como as mulheres desta entrevista destacaram que faziam envio mensal para seus familiares que ficaram no país de origem, João Weber *et al.* (2019) trazem um estudo que corrobora com a pesquisa feita com as mulheres, pois mostra que a maioria dos entrevistados imigrantes relataram que realizam remessas financeiras para seus familiares que permaneceram no país de origem. Também existem outros estudos que abordam aspectos sobre os imigrantes que destinam boa parte dos seus rendimentos aos seus familiares, passando por dificuldades financeiras nos países de acolhidas (WEBER *et al.*, 2019). Como foi possível perceber nos discursos trazidos pelas mulheres que necessitavam enviar recursos para a família, elas renunciavam ao bem-estar aqui para poder fazer o envio de dinheiro.

No que se diz respeito à integração social, é possível concluir que a situação socioeconômica, neste caso, dificulta a mesma e o aprendizado do idioma. Percebe-se que mais da metade das entrevistadas prefere permanecer em casa, pois precisam enviar um auxílio à família que ficou no país de origem. Frente a esse contexto, foi possível notar, durante as entrevistas, que as mulheres que

possuem uma interação social além do contato no trabalho também possuem maior facilidade de fala.

No processo de inserção de refugiados e imigrantes na sociedade brasileira, alguns obstáculos se apresentam, como o idioma, o acolhimento, a discriminação racial e a xenofobia. Estes são alguns dos empecilhos que acabam interferindo na integração de refugiados e imigrantes na sociedade brasileira. Outro empecilho seria a questão financeira do corte de gastos para o envio aos familiares que ficaram. Também deve ser levado em conta que a rede de amizades deles acaba sendo mais restrita, tendo apenas contato com os colegas de trabalho e pessoas que estejam na mesma situação que eles (SILVA; FERNANDES, 2017).

### As diferenças de ser mulher no Brasil e ser estrangeira

Ao serem perguntadas sobre como era ser mulher no seu país de origem, as 15 haitianas destacaram que era muito difícil o mercado de trabalho, que muitas mulheres apenas se tornavam donas de casa. Essas mesmas entrevistadas relataram que, no seu país, os papéis eram bem determinados para cada um, que o homem ocupava o papel de provedor financeiro e a mulher o lugar de mãe e responsável pelos afazeres domésticos. Também foi relatado que a mulher que conseguia concluir os estudos e atuar no mercado de trabalho geralmente só poderia trabalhar em empresas onde mulheres atuavam. As entrevistadas contaram que, no Haiti, é muito difícil encontrar mulheres trabalhando em empregos destinados ao sexo masculino. Uma das entrevistas explicou esse contexto: “[...] *Os homens podem fazer qualquer coisa lá, as mulheres lá não pode trabalhar em obra, se tem é bem pouco mulheres na obra, lá não pode trabalha em qualquer lugar*” (FRIDA, 17/04/2019).

Outro elemento trazido pelas 15 mulheres haitianas foi a questão religiosa em seu país. As entrevistadas explicaram que as diversas religiões são centrais e que precisam seguir as regras impostas, as quais implicam, por exemplo, a proibição de um casal dividir a mesma casa antes do casamento. Uma entrevistada conta que: “[...] *No Haiti se o homem fala contigo se tu quer namorar com ele só casando na igreja [...]*” (DANDARA, 24/08/2019).

Uma das entrevistadas destacou que, no seu país de origem, existia uma influência europeia e uma padronização nos corpos femininos. Essa participante destacou o quanto as mulheres são cobradas esteticamente: “*É muito cruel porque tu tem que ser magra, na praia lá ficariam dizendo que tipo é essa, lá a gente julga muito o corpo, tu tem que se perfeita, magrela, cabelo*” (MARIA, 17/05/2019).

Sobre esse aspecto, Adriano Araújo (2015) aborda a questão de desigualdade de gênero na cultura haitiana. Segundo ele, os homens exercem um papel mais ativo socialmente, desde a escolaridade, e as mulheres são mais direcionadas aos cuidados domésticos e familiares. Ainda se percebe esse papel destinado ao homem no Brasil.

Quando foram questionadas sobre o que achavam de ser mulher no Brasil, as 19 mulheres utilizaram a palavra “liberdade”. Mais da metade trouxe o mercado de trabalho como algo muito positivo para as brasileiras e ressaltaram a liberdade dos corpos das mulheres. Uma participante comenta:



*A mulher aqui no Brasil representa muita coisa, acho que tem um poder muito forte mais do que o homem, é interessante ser mulher no Brasil (NÁDIA, 11/08/2019).*

*Algumas mulheres destacaram que achavam muito parecido ser mulher no Brasil como no seu país. Brasileira fala português, Haitiana fala francês, mulheres brasileiras e haitianas igual só dividir o país (risos) (VALENTINA, 13/06/2018).*

Houve uma entrevistada que relatou que, apesar da liberdade da mulher brasileira, ela não concordava com o lugar que a mulher tinha, em relação ao homem. No relato, pode-se perceber o quanto a incomodava ver as relações de gênero, no campo do trabalho e também na sociedade: *“Diferente o que eu não gosto de mulheres têm mais valores que os homens, elas fazem, elas podem bater em marido, pode comandar o marido, no Haiti é diferente as mulheres que apanham, eu não gosto porque Deus não que mulher no comando [...]”* (DANDARA, 24/08/2019).

Cabe salientar que algumas participantes se sentiram desconfortáveis em falar sobre ser mulher no Brasil, pois tinham receio de falar algo que pudesse ser interpretado de uma maneira incorreta: *“(risos) eu fala da mulher brasileiro, não quero (risos)”* (MARGARET, 11/08/2019). As autoras Mariana Silva e Maria Cremasco (2019) trazem que muitos refugiados e imigrantes acabam entrando em sofrimento por terem a sua identidade própria ameaçada, sentindo-se sem lugar, sem referência de pertencer a país algum. Isso foi perceptível no discurso das mulheres que estavam há mais tempo no Brasil. Elas se sentiam sem pátria e sem referência de identidade, sendo possível notar um sofrimento psicológico nelas.

Mudar de país significa construir uma nova vida, romper com a sua cultura e experimentar uma nova. Muitos refugiados e imigrantes acabam entrando em um sofrimento psicológico que, muitas vezes, não é percebido pelas pessoas ao seu redor. A dor de não ter a referência cultural, de não conseguir se encaixar nos padrões estabelecidos pelo novo país e a exclusão dos grupos sociais acaba gerando grandes sofrimentos (SOUZA, 1998). O que foi possível perceber nas mulheres que foram entrevistadas nesta pesquisa é que todas demonstraram um sofrimento com a diferença da cultura, apesar de relatarem que o Brasil possui muitas coisas em comum com os seus países.

Todas as participantes relataram que, apesar de serem de um país com culturas diferentes, existem muitas coisas em comum entre os países, como a comida, as pessoas e as músicas. As entrevistadas afirmaram que se alegravam quando eram questionadas sobre seus países de origem, demonstrando muito orgulho e amor pela sua nacionalidade. Sobre o Brasil, destacaram a cultura e a diversidade do país, como o carnaval brasileiro.

### Considerações finais

Os resultados desta pesquisa apontaram que, no que se refere às vivências no mercado de trabalho, as mulheres tiveram experiências positivas e negativas. Houve, no primeiro momento, um desencantamento com o mercado

de trabalho brasileiro, pois nos relatos colhidos por elas foi possível perceber que haviam construído uma visão de um país rico e com muito trabalho. Todavia, não foi isso que elas encontraram quando chegaram ao Brasil, sendo que muitas delas chegaram no período inicial da crise econômica no país. Quanto aos relacionamentos interpessoais no ambiente de trabalho, algumas delas preferiram não comentar nada, por receio de que pudessem ser prejudicadas. As mulheres que falaram trouxeram que tinham um ótimo relacionamento com os colegas. Apesar disso, algumas entrevistadas relatam abertamente experiências em que os colegas de trabalho foram preconceituosos com elas, sendo os relatos focalizados em olhares e falas racistas e preconceito com as participantes.

Quanto às relações familiares, todas relataram que estavam com muitas saudades – algumas inclusive se emocionaram durante a entrevista. Todas detalharam os primeiros meses longe da família e foi possível perceber que elas entram em um processo de luto pelo afastamento. Algumas tiveram que deixar seus filhos e demonstram muito desejo em tê-los por perto novamente. As mães logo se justificavam por terem deixado os filhos, como uma reação instintiva a possíveis julgamentos.

Outro dado que chama bastante atenção é quando questionadas sobre o papel da mulher na sociedade brasileira. Todas as 19 entrevistadas utilizaram a palavra “liberdade”, algo que mostra o quanto o papel da mulher no Brasil é visto positivamente por quem vem de outra realidade, por mais que ainda enfrentemos desafios diários em busca dos nossos direitos. Uma entrevistada questionou o excesso de liberdade, comparando com as mulheres de seus países. Vale reforçar que, no que se refere às diferenças culturais, não cabem julgamentos sobre o que está correto ou errado, mas sim compreender estas perspectivas e como elas atuam no processo de inserção social e construção de identidade.

Também foi possível perceber que grande parte das entrevistadas, ao serem questionadas a respeito do tema violência, responderam quase que imediatamente não terem sofrido nesse sentido. Algumas se mostraram inseguras em falar sobre o passado e, em sua história, haviam sido alvo algum tipo de violência. Outras entrevistadas ainda demonstraram não ter conhecimento a respeito do significado da palavra, contudo, no decorrer da entrevista acabavam por relacionar episódios de sua vida ou da vida de conhecidos com a violência. As cinco entrevistadas que relataram terem sido vítimas de violência questionaram se poderiam falar sobre o ocorrido por receio de que pudesse ocorrer algo a elas. Houve algumas que, ao compreender que o termo abrange mais do que agressão física, relataram já terem sido vítimas de racismo e *bullying*. Dois dos atos de violência foram relatados via boletim de ocorrência policial. Uma das entrevistadas sabia que tinha o direito de fazer o registro de ocorrência, mas, por medo, optou por não fazê-lo. Todos os atos de violência, infelizmente, foram cometidos por brasileiros, o que mostra que ainda precisamos aprender a lidar com o preconceito contra estrangeiros.

No que se refere às interações sociais, foi possível concluir que elas possuem vínculos com outras pessoas, mas que as redes mais próximas de convívio e confiança são geralmente pessoas que estão na mesma situação em



refúgio ou imigração. Algumas delas relataram que o idioma era um dos empecilhos para interação social, pois sentiam vergonha em conversar com brasileiros. Também é possível pensar que as entrevistadas que estão no mercado de trabalho possuem uma interação social com os colegas. Como visto no decorrer deste estudo, todas elas vieram em busca de uma vida melhor para elas e para seus familiares. Sendo assim, elas acabam tendo que remeter um valor por mês aos familiares que ficaram no país e, com isso, muitas delas acabam renunciando a momentos de lazer e acabam não tendo tanto contato socialmente.

Quanto ao serviço público, foi possível perceber que elas acessam a rede pública de saúde e possuem conhecimento sobre os seus direitos. Também foi visto que, apesar de já terem passado por alguma dificuldade por conta do idioma, todas elogiaram os atendimentos públicos, podendo perceber uma humanização na relação entre médico e paciente. Algumas relataram demora nos atendimentos médicos e citaram as filas dos postos de saúde, evidenciando mais uma face da desvalorização da saúde pública.

Acredita-se que, se houvesse maior tempo de interação e vinculação estabelecida com as entrevistadas, muitos outros relatos teriam sido dados. Por mais que todas estivessem dispostas a dar as entrevistas, notou-se uma preocupação com o que seria dito, o que levou a constituição de certa desconfiança, embora tenha sido frisado o sigilo das informações e o anonimato. Deve-se levar em consideração que todas as participantes do estudo não tinham nenhum vínculo com a pesquisadora até o momento da entrevista.

Ao final desta pesquisa, sugere-se que sejam feitos mais estudos voltados às mulheres em situação de refúgio ou imigração no Brasil, dando mais visibilidades a elas. Outra questão de extrema relevância levantada através desta pesquisa seria a construção de leis e políticas públicas voltadas a mulheres em situação de refúgio ou imigração. Também são necessários mais estudos voltados à violência, para que possa se compreender quais são os tipos de violência que elas acabam convivendo diariamente.

### Referências

ACNUR. **Dados sobre refúgio no Brasil**. 2019a. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil>. Acesso em: 6 mar. 2019.

ACNUR. **Perfil socioeconômico dos refugiados no Brasil: Subsídios para elaboração de políticas**. 2019c. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/06/Resumo-Executivo-Versa%CC%83o-Final-Alterada.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2019.

ACNUR. **Perguntas e respostas**. 2019b. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/perguntas-e-respostas/>. Acesso em: 6 mar. 2019b.

ANTUNES, José António Pereira de Jesus. Refugiados e Saúde Mental-

Acolher, Compreender E Tratar. **Psicologia, Saúde & Doença**, [s.l.], v. 18, n. 1, p. 115-130, 14 mar. 2017.

ARAÚJO; Adriano Alves de Aquino. Limitações e Estratégias de Ação Feminina na Sociedade Haitiana: Categorias de Articulação/ Interseccionalidades. **Revista Agenda Social**, v. 8, p. 19–28, jan. 2015.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira Bagatin. Snowball (Bola de Neve): Uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. 5., Curitiba, 2011. **Anais...** Curitiba, 07 a 10 de novembro de 2011. Disponível em: [http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398\\_2342.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf). Acesso em: 24 abr. 2019.

BERTOLDO, Jaqueline. **Migração com rosto feminino**: múltiplas vulnerabilidades, trabalho doméstico e desafios de políticas e direitos. 89 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

BORGES, Lucienne Martins; POCREAU, Jean-bernard. Serviço de atendimento psicológico especializado aos imigrantes e refugiados: interface entre o social, a saúde e a clínica. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 29, n. 4, p.577-585, dez. 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Seção 1. p. 44-46. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2019.

COSTA, Marli M. M. da; SCHWINN, Simone Andrea. Desafios às Políticas Públicas no Campo da Violência de Gênero contra Mulheres Migrantes e Refugiadas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DEMANDAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, 14., 2017, Santa Cruz do Sul. **Anais eletrônicos**. Santa Cruz do Sul/RS: Unisc, 2017. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/view/17719>. Acesso em: 22 jan. 1997.

CUNHA, Igor B. Mulheres migrantes e refugiadas: riscos e proteção no contexto da violência de gênero. **Migrações na Atualidade**, [S.I.], v. 1, n. 106, 2017.

CUNHA, Jurema Alcides. **Psicodiagnóstico V**. Porto Alegre: Artmed, 2007. 678p.

DORNELAS, Paula Dias; RIBEIRO, Roberta Gabriela Nunes. Mulheres Migrantes: invisibilidade, direito à nacionalidade e a interseccionalidade nas

políticas públicas. **O Social em Questão**, [s.l.], v. 21, n. 41, p. 247-264, mai./ago. 2018.

KIRMAYER, Laurence. J. et al. Common mental health problems in immigrants and refugees: general approach in primary care. **Canadian Medical Association Journal**, v. 183, n. 12, p. E959 LP-E967, 6 set. 2011.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisasocial: Teoria, método e criatividade**. 20. ed. Petrópolis: Vozes; 1993. 96 p.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA - MJSP, 2019. **Brasil registra mais de 700 mil migrantes entre 2010 e 2018**. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/news/collective-nitf-content-1566502830.29>. Acesso em: 6 mar. 2019.

MORALES, Ofelia Woo. La migración de las mujeres: um proyecto individual o familiar? **REHMU- Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 15, n. 29, p. 23-45, 2007.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **Uma em cada cinco refugiadas são vítimas de violência sexual no mundo**. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/uma-em-cada-cinco-refugiadas-sao-vitimas-de-violencia-sexual-no-mundo/>. Acesso em: 14 mai. 2019.

PONGON, Vogly Nahum. Formação profissional e projeto de vida: inserção dos migrantes haitianos e cabo verdianos no mercado de trabalho em Brasília. **Universitas Relações Internacionais**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 15-30, jan./jun. 2016.

RAPHAEL, Beverley; TAYLOR, Mel; MCANDREW, Virginia. Women, Catastrophe and Mental Health. **Australian & New Zealand Journal of Psychiatry**, v. 42, n. 1, p. 13–23, 1 jan. 2008.

SÁ, Patrícia Rodrigues Costa de; SILVA, Filipe Rezende. Desafios à inclusão dos imigrantes haitianos na sociedade brasileira. In: SEMINÁRIO MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS, REFÚGIO E POLÍTICAS, 1., 2016, São Paulo. **Anais...** Campinas: Nepo Unicamp, 2016.

SILVA, Filipe Rezende; FERNANDES, Duval. Desafios enfrentados pelos imigrantes no processo de integração social na sociedade brasileira. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, [s.l.], v. 13, n. 18, 2017.

SILVA, Mariana Bassoi Duarte da; CREMASCO, Maria Virginia Filomena. **Migração e Refúgio, contribuições da Psicologia**. Disponível em <http://www.dedihc.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=130>. Acesso em: 20 set. 2019.

SOUZA, Neuza Santos. O estrangeiro: nossa condição. In: KOLTAI, Caterina.

**Vivências de Mulheres em Situação de Refúgio ou Imigração na  
Região do Vale do Sinos**

**O Estrangeiro.** São Paulo: Escuta, 1998. p. 155-163.

WEBER, João Luis Almeida et al. Imigração Haitiana no Rio Grande do Sul: Aspectos Psicossociais, Aculturação, Preconceito e Qualidade de Vida. **Psico-usf**, Campinas, v. 24, n. 1, p.173-185, jan. 2019.

ZIMERMANN, David Epelbaum. **Fundamentos Psicanalíticos:** teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 1999.

**Contribuição de Autoria / Contribución de autoría**

Andressa Wendling: Conceitualização, curadoria de dados, análise formal, investigação, metodologia, administração do projeto, recursos, programas, validação, visualização, redação - rascunho original, redação- revisão e edição.

Carmem Regina Giongo: conceitualização, curadoria de dados, análise formal, validação, visualização, supervisão.

**Recebido em 04 de abril de 2022.**

**Aceito em 07 de novembro de 2022.**

**Andressa Wendling, Carmem Regina Giongo**

